

# SADIE PLANT E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DA CULTURA COMO FEMINISMO ACELACIONISTA

Damare Bastos Pinheiro<sup>1</sup>

## RESUMO:

De acordo com Susanna Paasonen, Sadie Plant é uma das teóricas que ao analisar o movimento feminista nos âmbitos da tecnologia e das redes na década de 90 cunhou o termo *cyberfeminismo* – nome formado pela junção dos termos *feminismo* e *cibernético*, uma palavra que naquele período era bastante comum para designar o âmbito tecnológico computacional e imersivo da internet –, também que Plant foi pioneira em teorizar a feminização da cultura, além de ter sido uma das autoras cyberfeministas mais conhecida e lida na década de 90. Plant ainda lançou seu próprio manifesto feminista, intitulado “*Feminisations: Reflections on Women and Virtual Reality*” (lançado em 1996), propondo uma aceleração do processo cibernético, que nada mais é do que um processo de feminização da cultura. Este trabalho tem como objetivo analisar esse processo de feminização na obra de Plant chamado “*Mulher Digital: o feminino e as novas tecnologias*” (de 1997). E, apesar de ser uma obra rica em informações e aspectos históricos, tecnológicos e biológicos, opta-se por um recorte mais restrito, dividindo o trabalho em quatro partes: a primeira apresentando a autora; a segunda, um breve resumo da obra; a terceira, o processo de feminização à partir de duas modulações imagéticas sobre o feminino: *tecelã* e *abertura*; e a quarta parte que pensa tal processo como um feminismo aceleracionista.

**Palavras-chaves:** Sadie Plant, Zero Plus Ones, feminismo, processo de feminização, aceleracionismo.

## ABSTRACT:

Susanna Paasonen says that Sadie Plant is one of the theorists who analyzed the feminist movement in the fields of technology and networks in the 90s and coined the term *cyberfeminism* - a name formed by the combination of the terms *feminism* and *cybernetics*, a word that at that time designate the computational and immersive technological scope of the internet – also that Plant was a pioneer in theorizing the feminization of culture, in addition to being one of the best known and most read cyberfeminist authors in the 90s. Plant also launched his own feminist manifesto, entitled “*Feminisations: Reflections on Women and Virtual Reality*” (launched in 1996), proposing an acceleration of the cybernetic process, which is nothing more than a process of feminization of culture. This work aims to analyze this feminization process in Plant's work called “*Mulher Digital: o feminino e as novas tecnologias*” (from 1997). Despite being a work rich in information and historical, technological and biological aspects, I opt for a more restricted cut, dividing the work in four parts: the first presenting the author; the second, a brief summary of the work; the third, the

---

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia pela Universidade de Brasília.

feminization process based on two imagery modulations about the feminine: *weaver* and *gap*; and the fourth part that thinks of this process as an accelerationist feminism.

**Key-words:** Sadie Plant, Zero and Ones, feminism, feminization process, accelerationism.

1. Plant formou-se pela Universidade de Manchester em 1985, tem PhD em Filosofia (1989) e foi professora de Estudos Culturais na Universidade de Birmingham<sup>2</sup>. Publicou vários textos e artigos, também os livros “*The Most Radical Gesture: Situationist International in a Postmodern Age*” (1992), “*Zeros plus Ones: Digital Women and the New Technoculture*” (1997) e “*Writing on Drugs*” (1999), e produz até a atualidade<sup>3</sup>. Foi uma das teóricas do *cyberfeminismo* mais conhecida e lida na década de 90<sup>4</sup> e fundadora da *Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética (Cybernetic Culture Research Unit)*<sup>5</sup>, reconhecida pelas iniciais (CCRU), no ano de 1995 junto de Nick Land, nas proximidades da Universidade de Warwick, Reino Unido. Esta unidade – que ficou conhecida por uma corrente de pensamento chamada de Aceleracionismo, adotada por algum de seus membros –, sob a coordenação de Plant, que perdurou de 95-97, teve um recorte mais experimental e interdisciplinar sobre o estudo da cultura e uma base pós-estruturalista e feminista sobre tecnologias, com enfoque no aspecto *cibernético*, tendo linguagem própria e envolvimento com tecnologias, computador, internet e redes<sup>6</sup>.

<sup>2</sup> Acessado em 03.03.2020: <http://www.sadieplant.com/home/biography>

<sup>3</sup> Plant mantém uma página virtual pessoal: <http://www.sadieplant.com/home/publications>

<sup>4</sup> Como aponta Paasonen (PAASONEN, 2010, p. 62)

<sup>5</sup> Como a própria Plant aponta em sua biografia: <http://www.sadieplant.com/home/biography>

<sup>6</sup> O que muda com a coordenação de Land, apesar do posicionamento de Plant e Land não serem muito diferentes um do outro em termos políticos, pois após a saída de Plant em 97, a unidade passa a ter uma postura mais niilista e ocultista sob a coordenação de Land, como se pode observar da publicação da coletânea de escritos da CCRU chamado “CCRU Writings 1997-2003” (2015), pela Time Spiral Press. Disponível em: <https://www.urbanomic.com/book/ccru-writings-1997-2003/>

2. Na esteira de sua produção voltada ao ativismo cibernético feminista<sup>7</sup>, Plant publica o livro “*Mulher Digital: o feminino e as novas tecnologias*”, logo após sua saída da coordenação da CCRU para dedicar-se à produção científica própria. Esta obra é composta de 75 partes, fora preâmbulo, notas, bibliografia e agradecimentos, também possui uma escrita rizomática, diferente de um desenvolvimento mais convencional, e tem um comprometimento com uma narrativa permeada de citações feministas desde coletivos à teóricas, filósofas, cientistas e autoras de literatura, como o coletivo VNS Matrix, Donna Haraway, Luce Irigaray, Ada Lovalace, Pat Cadigan, Margaret Atwood, Monique Wittig, Virginia Woolf, Octavia Butler, Mary Shelley, Katchy Acker, Simone de Beauvoir, Klara von Neumann, Adele Goldstine, Miss Betty Jennings, Miss Frances Bilas, Grace Hopper, e várias outras. Pode-se observar, inclusive, que a história de Ada Lovelace e de Alan Turing, em torno da criação do computador, é o fio condutor da escrita rizomática de Plant, que apresenta um histórico da tecnologia como um processo de feminização da cultura, acelerado, que rompe uma realidade binária e que entrelaça a história do tear com a participação das mulheres na história da tecnologia e da programação computacional, teorizando esta feminização da cultura como um processo orgânico e cibernético.

3. Causa uma estranheza inicial a necessidade de defender a capacidade lógica das mulheres e sua participação na criação de tecnologias, mas Plant mostra diversas vezes no decorrer da obra que há um entendimento geral e histórico (errado) que mantém a visão de que as mulheres são seres irracionais e incompletos e que tentam a todo custo imitar o homem – este que aparece como um ser completo, lógico, racional e dado ao desenvolvimento das tecnologias e descobertas científicas na história. Ela, por exemplo, aponta a visão de “feminilidade” a partir da psicanálise de Freud, que acreditava que as mulheres não haviam contribuído para a história da civilização tanto quanto os homens por serem elas incapazes e sem desejo de mudar o mundo, citando-o da seguinte forma:

---

<sup>7</sup> Paasonen elenca a seguinte produção cyberfeminista de Plant: “Sadie Plant, “The Future Looms: Weaving Women and Cybernetics,” in Mike Featherstone and Roger Burrows, eds., *Cyberspace, Cyberbodies, Cyberpunk* (London: Sage, 1995); Sadie Plant, “Feminisations: Reflections on Women and Virtual Reality,” in Lynn Hershman Leeson, ed., *Clicking In: Hot Links to a Digital Culture* (San Francisco: Bay Press, 1996), 37–8; Sadie Plant, “On the Matrix: Cyberfeminist Simulations,” in Rob Shields, ed., *Cultures of Internet: Virtual Spaces, Real Histories, Living Bodies* (London: Sage, 1996); Sadie Plant, *Zeros + Ones: Digital Women and the New Technoculture* (London: 4th Estate, 1997).” (PAASONEN, 2010, p. 76, nota 2)

Em 1933, Sigmund Freud fez a tentativa final de solucionar o enigma da feminilidade: “para aquelas entre vocês que são mulheres”, escreveu ele, “isto não se aplica - vocês mesmas constituem o problema”. Tendo tratado suas carências e deficiências e analisado seus lapsos e ausências, ele tinha apenas mais alguns argumentos a expor. “Parece”, escreveu, “que as mulheres só deram umas poucas contribuições às invenções e descobertas da história da civilização”. Elas careceriam da capacidade e do desejo de mudar o mundo. Não eram lógicas, não podiam pensar com clareza, saltitavam pelos assuntos e eram incapazes de se concentrar. (PLANT, 1999, p. 29)

Plant frisa a afirmação do pai da psicanálise ao observar sua filha, Anna, que tecer e entrelaçar são as únicas colaborações das mulheres para a civilização, emergindo daí a imagem de feminino como *tecelã*. Outra imagem do feminino é apresentada em “Binários”<sup>8</sup>, como *abertura*, aqui Plant parte da dualidade existente no processamento da informação computacional realizada no código binário 0-1, uma lógica que enquadra as noções de realidade ocidentais<sup>9</sup>, principalmente quando o assunto é a diferença sexual, ela diz: “*Homem e mulher, macho e fêmea, masculino e feminino: 1 e 0 (...) 1, a linha clara, vertical; e 0, o diagrama de nada, absolutamente nada: pênis e vagina*” (PLANT, 1999, 39). A lógica binária nada mais é do que uma lógica do masculino, “*1 e 0 formam outro 1. Homem e mulher somam homem*” (PLANT, 1999, 39), e a conclusão é que o “zero-mulher” não possui equivalente, ela é um “*gap*” – uma lacuna ou *abertura*<sup>10</sup>. Diante dessas imagens da mulher como *tecelã* e como *abertura* se somam caracterizações do feminino como: ausência, imitadora, substituta, manipuladora, um ser negativo e um ser sem cérebro<sup>11</sup>. Porém, é de dentro desse negativo que Plant vai arrancar uma positividade e identificar, dentro dessa ordem patriarcal, um espaço feminino altamente contaminante e revolucionário.

<sup>8</sup> PLANT, 1999, 37-39.

<sup>9</sup> “Os zeros e uns da linguagem de máquina candidatam-se aparentemente como símbolos perfeitos das ordens da realidade ocidental, dos antigos códigos lógicos que estabeleciam a diferença entre ligado e desligado, direita e esquerda, luz e trevas, forma e matéria, mente e corpo, branco e preto, bem e mal, certo e errado, vida e morte, algo e nada, isto e aquilo, aqui e ali, dentro e fora, ativo e passivo, verdadeiro e falso, sim e não, sanidade e loucura, saúde e doença, em cima e embaixo, bom senso e contra-senso, leste e oeste, norte e sul. E formam um belo casal quando o assunto é sexo.” (Idem, pp. 38-39)

<sup>10</sup> “Lacan baixa a lei e não dá nenhuma margem de dúvida: ‘A mulher existe apenas na qualidade de excluída pela natureza das coisas’, explica. Ela é o ‘não-tudo’, a ‘não-inteira’, o ‘não-1’, e o que quer que ela saiba só pode ser descrito como ‘não-conhecimento’. Não há ‘esta tal coisa de A mulher, caso em que o artigo definido representa o universal’. Ela não tem um lugar que possa chamar de lar, nada de seu, ‘à parte o lugar do Outro, que’, escreve Lacan, ‘eu designo com um O maiúsculo’.” (Idem, p. 39). Essa lógica psicanalítica também é debatida por Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo”, na parte “O ponto de vista psicanalítico”.

<sup>11</sup> Plant mostra como para Ada a ausência de um cérebro/sistema nervoso central não é vista com maus olhos, mas como fuga da dualidade cartesiana, como uma possibilidade de o próprio corpo ser cérebro. Ver páginas 153-158.

Podemos identificar esses espaços em dois momentos revolucionários e históricos que orbitam as duas imagens de feminino, são as histórias do tear e do computador. Plant apresenta a história da tecelagem partindo, primeiramente, da vestimenta, que ela identifica como uma forma de armazenamento de informações e que irá culminar mais tarde no *design*; depois, ela relaciona com a computação, que é também identificada como armazenamento de informações e com o *design*, marcado pelo aspecto tátil, com suas texturas e outras nuances. Ela lembra que a tecelagem está miticamente ligada às mulheres, é o caso de divindades tecelãs e do destino, como Ariadne, as Moiras e os contos de fadas. E destaca que a história da tecelagem se inicia, justamente, com a evolução da escrita, com o abandono das tábuas de argila pelos *papyrus* – que são, essencialmente, um ato de tecer e entrelaçar fibras naturais –, uma história que culmina no papel e no digital<sup>12</sup> – este último que se torna um ofício feminino<sup>13</sup>. O ápice dessa história é um momento revolucionário que ocorre na Revolução Industrial, a criação da primeira peça de maquinaria automatizada, que é o tear de Joseph Marie Jacquard.

É interessante como as duas imagens do feminino vão se entrelaçar na história da tecelagem e da programação computacional. Isso porque, um pouco antes de Jacquard o tear era um mecanismo que a seleção do fio era feita manualmente e demorava semanas para se criar um padrão, mas esta dificuldade é ultrapassada com a engenharia de Jacquard; em contrapartida, ocorre uma automatização de um trabalho antes realizado pela mão humana, o que leva a uma forte oposição a nova tecnologia. Quem ofereceu suporte a empreitada de Jacquard foi o esposo da matemática Annabella, o poeta Lorde Byron, ambos pais de Ada Lovelace<sup>14</sup>. Esta nova tecnologia do tear de Jacquard influenciou Charles Babbage, fascinado desde a infância com mecanismos automatizados quando sua mãe o levou a exposição dos autômatos de John Merlin<sup>15</sup>. É Babbage quem criou o primeiro computador – que era, literalmente, uma calculadora –, trata-se do Engenho Diferencial, que automatiza as contas matemáticas básicas. E a aproximação de Ada e Babbage se dá com a exposição de um *sketch* de Louis Menabrea, na Bibliothèque Universelle de Genève, que foi traduzido com

---

<sup>12</sup> Ver páginas 18-20 e 61-69.

<sup>13</sup> “Se o cursivo fora manual e masculino, a datilografia era trabalho de dedos; rápido, tátil, digital e feminino.” (Idem, p. 111). Plant compara o ofício das mulheres nas comunicações, que cuidavam das redes telefônicas e das ligações, e da secretária, como uma interface maquínica. (Idem, p. 109-114), bem como seu trabalho de ligar os computadores “monstros”, de fabricar e instalar os softwares; as mulheres são as simuladoras, acopladoras, e programadoras das máquinas digitais, ver páginas 39-41 e 72-75.

<sup>14</sup> Ver páginas 21-24.

<sup>15</sup> Ver páginas 82-84.

diversas notas revisionais e analíticas por Ada<sup>16</sup>, sendo, assim, convidada por Babbage a juntar-se na empreitada de criação de um novo mecanismo automatizado, o Engenho Analítico. O trabalho criativo, revisional e de programação realizado por Ada é equiparado a tecelagem e a própria fundamentação da programação computacional, e seu nome batiza (em 1979) a linguagem de programação desenvolvida pelo Grupo de Trabalho de Linguagem de Alto Nível do Departamento de Defesa dos EUA (PLANT, 1999, p. 61).

Depois do Engenho Analítico, a criação do computador como o conhecemos atualmente decorre de um modelo matemático teórico desenvolvido por Alan Turing, um diagrama que “*reduziu o funcionamento de toda e qualquer coisa a um conjunto de configurações simbólicas, baseadas na lógica absoluta sim/não do código binário.*” (PLANT, 1999, p. 81). Trata-se da Máquina de Turing. O processo de criação desta máquina é destacado por Plant na própria história de vida de seu criador<sup>17</sup>, que também serve para mostrar o teor contaminante e revolucionário do processo de feminização por meio do corpo de Turing que sofre censura e perseguição pelo patriarcado. A autora frisa que a sexualidade de Turing não foi questionada durante seu envolvimento com a criação de máquinas de quebra de códigos, na Segunda Guerra Mundial, dada a importância desse maquinário em fornecer informações e localizações do inimigo; porém, sua sexualidade se torna um problema quando suas habilidades deixam de ser necessárias e seu corpo passa a ser medicado por não se comportar como deveria<sup>18</sup>: “*Seria ele um homem autêntico, um ser humano normal, comprometido com a reprodução da humanidade? Ou era outro cyborg descontrolado?*” (PLANT, 1997, p. 96).

O trabalho de Turing e sua história se equiparam a sua própria formulação de um julgamento para identificar uma inteligência artificial, pois enquanto Turing foi útil ao sistema sua identidade feminina estava camuflada, era uma abertura que se passava perfeitamente como homem e com humanidade; tão logo tornou-se desnecessário iniciou-se um processo de identificação de bugs e de uma inteligência artificial: Turing estava agora submetido ao teste da máquina, com sua

---

<sup>16</sup> Sobre o trabalho revisional e analítico de Ada Lovelace acerca das máquinas, ver páginas 13-18 e 22-28 e sobre sua capacidade criativa e tecnológica, ver página 72. É interessante ressaltar que Plant paraleliza o trabalho de Ada feito às margens como a própria marginalização de sua contribuição histórica na programação computacional, assim como a história das mulheres que são marginais e em notas de rodapé, um trabalho de intensa análise e pesquisa que é capturado pela hierarquia e autoridade masculina, como uma “ordem dos sexos”. Ver páginas 16 e 39-41.

<sup>17</sup> Ver páginas 95-97.

<sup>18</sup> Sobre a história de Turing, ver páginas 95-97.

identidade feminina perseguida pela polícia cibernética masculina<sup>19</sup>. O teste da máquina, baseado no jogo de descobrir quem é o homem que imita uma mulher<sup>20</sup>, almeja identificar uma inteligência artificial, uma vez que o computador simula o homem, logo, se a imitação for perfeita sua identidade inumana passa despercebida. O curioso é que a maioria das inteligências artificiais que quase passaram no teste são femininas - Perry (masculino) tem um diálogo paranoico e neurótico que o denuncia -, até mesmo a simulação de um corpo humano por um autômato é algo feminizado, reforçando o processo cibernético e de feminização da cultura<sup>21</sup>.

O último ponto importante a ressaltar em torno de Turing é sua percepção de um antropomorfismo (ou humanismo) predominante nas ciências. A ideia de soberania do homem sobre a natureza e as máquinas é algo que, para ele, não se sustenta na realidade<sup>22</sup>, por três motivos, primeiro, as máquinas são mais aperfeiçoadas e podem um dia adquirir autoconsciência, segundo, a escravização das máquinas é fadada ao fracasso, pois é preciso desenvolver máquinas cada vez mais sofisticadas e a rebelião das máquinas é um fato que se aproxima porque – este é o terceiro ponto – as máquinas sabem que os “mestres” são substituíveis<sup>23</sup>. Os “votos de casamento”<sup>24</sup> estão se quebrando.

Ao se relacionar tais revoluções tecnológicas com a questão trabalhista, Plant acentua o processo de feminização da cultura. Isto ocorre porque, antes destas revoluções as mulheres

---

<sup>19</sup> “Um dos fundamentos da inteligência artificial tem sido o teste concebido por Turing em 1950 para medir a inteligência de uma máquina. Baseava-se o teste em um velho jogo de salão, no qual dois jogadores, A, homem, e B, mulher, ficam ocultos de um árbitro que faz perguntas aos dois, com o objetivo de descobrir qual deles é a mulher. O homem tem de simular a mulher e, a mulher, representar a si mesma. Aquele que passar por mulher vence o jogo. Na versão do jogo criada por Turing, C, o computador, substitui o jogador A. ‘O papel de B’ é ‘representado por um homem’ e, desta vez, C compete com B para convencer o árbitro de sua humanidade através de mensagens de teletipo. ‘Vamos fixar a atenção em um dado computador digital C’, escreve Turing. Seria possível, ‘modificando-se esse computador para possuir um sistema de armazenamento suficiente, aumentando apropriadamente a rapidez de ação e fornecendo-lhe um programa apropriado, que C pudesse ser levado a representar satisfatoriamente o papel de A?’” (Idem, pp. 86-87).

<sup>20</sup> Como Plant deixa claro acima de que há uma “competição para convencer um juiz de sua humanidade”, é preciso ressaltar o quão importante é aqui a imitação e simulação, aspectos femininos, pois se trata da mulher ser reconhecida em sua humanidade, uma vez que o sinônimo de humanidade é ‘homem’, a mulher é uma categoria inumana, artificial, tão natural como a Natureza é para o homem - não é humana, é outra coisa, alienígena, maquínica.

<sup>21</sup> Plant cita diversas dessas inteligências artificiais, e reproduz alguns desses diálogos do teste de Turing, como Eliza, Julia, as Evas, Hadaly, The Musical Lady, bem como na ficção, como Frankenstein (filho de uma máquina e um cientista), Rachel de Blade Runner, os organismos de Xenogênese, a Mulher Biônica, Eva 8 de Arquivo X e outras.

<sup>22</sup> Ver páginas 85-86.

<sup>23</sup> “E escreveu: ‘Logo que qualquer técnica tornar-se absolutamente estereotipada passará a ser possível conceber um sistema de tabelas de instruções que permitirá ao computador eletrônico fazer isso por si mesmo’. E nenhum trabalho é mais estereotipado do que o exercício do poder.” (Idem, p. 85).

<sup>24</sup> Plant compara os votos de casamento com as Leis de Asimov, que solapam a revolução (p. 141).

encontravam-se excluídas do mapa produtivo e do circuito dialético<sup>25</sup>, mas após estas revoluções, que se intensificam na contemporaneidade, há algo que está ruindo a realidade binária do capital e do patriarcado<sup>26</sup>: “*tem acontecido que, quanto mais sofisticadas as máquinas, mais feminina se torna a força de trabalho*” (PLANT, 1999, p. 42). É assim que a tese central da obra desponta com toda a sua força revolucionária, no fato de que a automação do trabalho nada mais é do que um processo orgânico e cibernético, que por sua vez, é um processo de feminização da cultura<sup>27</sup>. Em outras palavras, se aplicarmos a percepção de Turing da rebelião das máquinas ao processo de feminização da cultura, tem-se um processo de simulação e sofisticação e inevitável. O resultado é uma revolução positiva em andamento, o 0 está (ir)rompendo o 1. A feminização da cultura é o espaço altamente contaminante e anti-patriarcal, que se ressalta no fato de que as figuras centrais para tais revoluções tecnológicas eram mulheres ou homens “feminizados” (ela exemplifica não apenas com Turing, também com Leonardo da Vinci<sup>28</sup>). E conclui que o 0 enquanto *abertura* – buraco e vagina – não são castráveis, pois são partículas que se comportam de outra maneira e são mais velozes que a velocidade da luz<sup>29</sup>. A feminização é, portanto, um processo acelerativo e de escape, uma retroalimentação positiva cibernética que foi posta em movimento por um código fundamentado numa realidade binária e no princípio da dualidade, porém, agora esta abertura se apresenta como um partícula própria, uma histórica abertura do sistema – “*Ela está morrendo de vontade de fugir*” (PLANT, 1999, p. 148). A feminização está tomando a cultura e ciberneticizando-a em sua modalidade lacunar e têxtil, tomando todos os espaços e desligando-se cada vez mais da humanidade<sup>30</sup>.

<sup>25</sup> Ver páginas 72-75.

<sup>26</sup> “Esquerda e direita, base e superestrutura, proletariado e burguesia: tal como todo processo reprodutivo, supunha-se que o capitalismo industrial funcionasse de acordo com princípios binários nítidos.” (Idem, p. 73)

<sup>27</sup> As mulheres não apenas estão superando os homens em quantidade, mas em seus postos de trabalho e modificando as próprias estruturas do sistema patriarcal, seja com sua independência econômica ou no controle de seus corpos, com impacto constante na reprodução, assim como é um aspecto desse período da modernidade o fim da realidade binária, já que há um enfrentamento e explosão da diferença por todos os espaços. Em seus termos “A automação fez-se acompanhar do que é em geral descrito como feminização da força de trabalho. Aconteceu isso desde que as primeiras máquinas automáticas passaram a ser operadas pelas primeiras operárias e o medo do desemprego, que tem obcecado as discussões modernas sobre a inovação tecnológica, sempre foi sentido pelos homens como trabalhadores e não por suas colegas mulheres.” (Idem, p. 43). Ver as páginas 41-47.

<sup>28</sup> Ver páginas 63-64, 77, 177-182, 195.

<sup>29</sup> “Para Deleuze e Guattari, nem mesmo basta ‘dizer que partículas intensas e em movimento passam através de buracos; um buraco é tão particular quanto o que passa através dele...’ Buracos não são ausências, espaços onde deveria haver alguma coisa. ‘Ânus voadores, vaginas velozes, não há castração.’ À deriva nas treliças dopadas de um cristal de silício, um buraco é uma partícula positiva antes de ser a ausência de um elétron negativamente carregado, e o movimento de elétrons em direção a um terminal positivo é também um fluxo de buracos fluindo para trás, de outra maneira. Buracos são partículas carregadas que correm ao contrário. Para o físico quântico, ‘buracos não são a ausência de partículas, mas partículas viajando mais rápidas do que a velocidade da luz’”. (Idem. p. 58)

<sup>30</sup> Ver páginas 18-20, 98-99 e 99-103.

4. Cabe, por fim, pensar a feminização da cultura como um feminismo aceleracionista. Inicialmente, o termo “aceleracionismo” foi cunhado por Benjamin Noys<sup>31</sup> para designar uma corrente de pensamento que surgiu de dentro da CCRU, mas foi identificada também em algumas obras francesas da década de 70<sup>32</sup>, consideradas como “heresias marxistas” (NOYS, 2010, p. 7), e radicalizadas pela CCRU<sup>33</sup>, e que alguns do seus integrantes assumiram o termo de maneira positiva, como é o caso de Mark Fisher. Matt Colquhoun aponta<sup>34</sup> as implicações que a definição de Noys e que nunca foram defendidas pelos pensadores aceleracionistas, pelo contrário, havia um comprometimento com uma crítica ao capitalismo e, sobretudo, uma perspectiva de que chegamos em um ponto na história que não tem retorno, a saída é através de um “assenhramento revolucionário”<sup>35</sup> de instrumentos do Capital, pensamento que encontra fundamentos em Marx. Esse pensamento impõe reflexões e é diversificado, desde projetos políticos que visam o controle da plataforma tecnológica do Capital<sup>36</sup> à ideia de um processo tecnológico revolucionário e libertário em andamento<sup>37</sup>. A tecnologia, portanto, desempenha um papel fundamental no pensamento aceleracionista<sup>38</sup>, que nos termos do “Manifesto Aceleracionista” não se trata de uma crença tecno-

<sup>31</sup> Ver: “*The Persistence of the Negative: a Critique of Contemporary Continental Theory*” (2010) e “*Malign Velocities: Accelerationism and Economics*” (2014).

<sup>32</sup> Ele cita especificamente: “*O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, “*Economia Libidinal*”, de Jean-François Lyotard e “*A Troca Simbólica e a Morte*”, de Jean Baudrillard (NOYS, 2010, p. 4-5)

<sup>33</sup> Como ele afirma: “To be clear from the start, I don’t agree with this story. The core idea of this book originated in the early ’90s, when I first encountered the work of Nick Land and the Cybernetic Cultures Research Unit (CCRU) while working on a thesis on Georges Bataille.” (NOYS, 2014, preface)

<sup>34</sup> Ver: COLQUHOUN, 2020, Introduction, Accelerate the process.

<sup>35</sup> Nos termos de Marx: “A indústria e o comércio burgueses criam estas condições materiais de um mundo novo do mesmo modo que as revoluções geológicas criaram a superfície da terra. Quando uma grande revolução social tiver se assenhorado dessas realizações da época burguesa, do mercado mundial e das forças modernas de produção, e os tiver submetido ao controle comum dos povos mais avançados, somente então o progresso humano cessará de parecer com este horrível ídolo pagão que somente quer beber o néctar no crânio de suas vítimas.” Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/07/22.htm>

<sup>36</sup> Podemos citar o projeto utópico, cibernético, socialista e eco-feminista de Shulamith Firestone, presente em sua obra “*A Dialética do Sexo*” (de 1970) e o “*Manifesto Aceleracionista*” (lançado em 2013) de Alex Williams e Nick Srnicek.

<sup>37</sup> Exemplos são o “*Manifesto Xenofeminista*” do grupo Laboria Cuboniks e a cyberfilosofia da CCRU. Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>  
<http://www.ccru.net/archive.htm>

<sup>38</sup> A proposta de Fisher de um “Comunismo Ácido”, mesmo não completada e diferente das demais propostas aceleracionistas, mantém a tecnologia presente, como se vê a seguir: “Yet there is something very specific about this moment, something that means it could have only happened then. We can enumerate some of the factors that made it unique: a sense of existential and social security that allowed working-class families to take holidays at all; the role that new technology such as transistor radios played in both connecting groups to an outside and enabling them to luxuriate in the moment, a moment that was somehow exorbitantly sufficient; the way that genuinely new music — music that wasn’t imaginable a few months never mind a few years before — could crystallise and intensify this whole scene, imbue it with a sense of casual but not complacent optimism, a sense that the world was improving.” (FISHER, 2020, “No More Miserable Monday Mornings”). E na recente publicação do curso de Fisher sobre o “desejo pós-capitalista”, também há

utópica, mas de uma potencialidade a ser explorada, uma vez que as análises da esquerda encontram-se “paralisadas” e, como Plant aponta, descartada em análises feministas marcadas por um caráter “tecno-fóbico”<sup>39</sup>. Assim, é possível perceber o caráter aceleracionista do argumento de Plant ao enxergar a tecnologia como um processo orgânico e de feminização da cultura e como uma proposta feminista nesta corrente de pensamento.

## REFERÊNCIAS:

- FIRESTONE, Shulamith. **A Dialética do Sexo: Um estudo da revolução feminista**. Trad. de Vera Regina Rabelo Terra. Rio de Janeiro: Coleção de Bolso, Editorial Labor do Brasil, 1999.
- FISHER, Mark. **K-PUNK: The collected and unpublished writings of Mark Fisher, from 2004-2016**. Ed. Darren Ambrose. London: Repeater Books, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Post-Capitalist Desire: The Final Lectures, Mark Fisher**. Ed. Matt Colquhoun. London: Repeater, 2020.
- NOYS, Benjamin. **The Persistence of the Negative: A Critique of Contemporary Continental Theory**. 1ª Ed. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Malign Velocities: Accelerationism and Capitalism**. 1ª Ed. Winchester (UK): Zero Books, 2014
- PAASONEN, Susanna. “*From Cybernation to Feminization: Firestone and Cyberfeminism*”. In **Further adventures of The Dialectic of Sex: critical essays on Shulamith Firestone**. Ed. Mandy Merck and Stella Sandford. 1ª Ed. New York: Palgrave Macmillan, 2010, pp. 61-83.
- PLANT, Sadie. **Mulher Digital: o feminismo e as novas tecnologias**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.
- Disponível em: <http://www.sadieplant.com/home/biography>
- Disponível em: <https://www.urbanomic.com/book/ccru-writings-1997-2003/>
- Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/07/22.htm>
- Disponível em: <http://uninomade.net/tenda/manifesto-aceleracionista/>
- Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>

---

diversas passagens sobre isso, por exemplo a parte dois intitulada “Lecture Two - “A Social and Psychic Revolution of Almost Inconceivable Magnitude”: Countercultural Bohemia as Prefiguration”.

<sup>39</sup> Disponível em: <http://future-nonstop.org/c/bb37122bc11c3dd0787d5205d9debc41>

Disponível em: <http://www.ccru.net/archive.htm>

Disponível em: <http://future-nonstop.org/c/bb37122bc11c3dd0787d5205d9debc41>